

Thiago Reis

Universidade Federal de Minas Gerais

O gesto por vir

Subtraídos que fomos de nossos gestos, a vida se tornou paulatinamente, expressivamente obnubilada: nos corpos que não mais nos pertencem, que não mais se comunicam, pois todo ato tende a se tornar um destino interposto, culminando, por vezes, em sua forma mais desumana e cruel: no anti-gesto fascista. A urgente questão que se impõe, a partir de então, é de como reverter essa derrocada generalizada dos "gestos" (agenciados pela funcionalização da sociedade) em gestos propriamente humanos, ou, como prefere Flusser, em gestos de celebração? Como caminho, talvez seja necessário (re-)encontrar o gesto em seu sentido mais absurdo (do gesto pelo gesto), de um gesto que em nossos corpos pronuncie a possibilidade de um ritmo diacrônico, capaz de dissolver as sequências organizadas que estruturam enormemente o nosso cotidiano – portanto, a busca por um gesto desenraizado: o sonho de um gesto. Como auxílio teórico para problematizarmos esse tema, tentaremos uma aproximação entre as filosofias de Flusser e Agamben, sobretudo para arriscarmos uma releitura da história da arte que nos revele os caminhos de um gesto por vir e que nos indique uma possível interseção entre a vida e a arte.